

A Psicose e o código do Outro

Maria Cecilia Isaurralde

A Psicose como resposta à não inscrição da metáfora paterna (*Verwerfung*) apresenta, entre suas principais características, formas próprias de compreensão do dito do Outro. A forclusão da metáfora constituinte da linguagem faz com que o sujeito articule-se numa cadeia de signos, numa forma singular de compreensão e relação com as especificidades que compõem o laço social – assim como a comunicação com os Outros. Aqui, são permitidos neologismos (principalmente na operação de nomeação do corpo) e formas de resposta às normas, arranjos, códigos sociais diferente do que a coletividade assim compreende.

A “falha no código” indicada por Lacan no seminário 3, é chamada de “linguagem com sabor particular e frequentemente delirante”, fazendo do outro “com a minúsculo” não aquele que detém e orienta as regras da linguagem, em operação de perda de sustentação simbólica, mas como o outro que testemunha o que o sujeito impõe no discurso como certeza, assim como na não-compreensão e na rejeição do que daria notícias do desejo do Outro.

No nível do significante, em seu caráter material, o delírio se distingue precisamente por essa forma especial de discordância com a linguagem comum que se chama um neologismo. No nível da significação, ela se distingue por isto: ele só pode se mostrar se vocês partem da ideia de que significação remete sempre a uma outra significação, sabendo-se que, justamente, a significação destas palavras não se esgota no remeter a uma significação. (LACAN, 1981, p.43)

Lacan aponta acima uma forma singular de relação com a linguagem, em que a relação significado/significante e a metaforização da significação é falha; sendo assim, a interpretação analítica deve ser orientada ao pé da letra do que está sendo pronunciado, objetivando não o esvaziamento, mas a construção de uma possibilidade, um corte com efeito de dar borda ao sentido.

Não se trata de uma dificuldade cognitiva de adaptação às convenções sociais, mas sim de uma relação particular com o Outro e a própria linguagem. A fim de

sustentar essa pontuação, compartilho um recorte clínico, com as devidas alterações necessárias:

Profissional inserido em contexto institucional apresenta dificuldades durante a realização de turnos laborais, compreendido em plantões de responsabilidades específicas, e sente-se injustiçado quando colegas dizem que é seu momento de realizar procedimentos.

No exposto acima, o paciente refere mal-estar porque seu nome é destacado para praticar funções, enquanto os outros descansam; há, claramente, uma falha na percepção do que seria um sistema de escalas e uma queixa em que nomeia atitudes de exploração e perseguição da equipe, traduzidas através do signo ***injustiça***.

Este mesmo signo aparece outras vezes, numa recriação de cenários em que pessoas mentem, falam dele na sua frente e lhe dão tarefas ***quando qualquer um poderia fazê-lo, visto que ocupamos o mesmo cargo***. O signo ***injustiça*** não é passível de abertura de sentido pelo analista, numa rigidez discursiva em que poucos complementos associados aparecem, num ensaio metonímico, mas não metafórico, e que retorna a si para justificação.

Fato comum na escuta das psicoses são os neologismos corporais, em que palavras de senso comum são utilizadas para nomeação do desconforto corporal. “Certos doentes que se queixam de alucinações auditivas, faziam manifestamente movimentos de garganta, de lábios, em outras palavras, eles mesmo as articulavam” (LACAN, 1981, pg 60). O paciente em questão trazia incômodo com sons que nomeava como ***sininho no ouvido*** e que apareciam em momentos de crise e lhe traziam desconforto. Em análise, reproduzia o som, e voltava à palavra ***sininho***.

Palavra e coisa se imbricam, interpenetram-se, encaixam-se. As palavras perdem seu estatuto singular, confundem-se com as coisas. Ganham substância, textura física, tornam-se sons penetrantes, letras cortantes, farpas que afetam, invadem o corpo (...) vozes, ruídos, palavras invadem o corpo (...) O neologismo é essa figura impassível da linguagem psicótica que encerra e encarcera em si, e de modo irreduzível, todo sentido, toda significação. (SANTOS, 2023, p. 46 e 48).

Observa-se uma **alienação parcial** aos códigos sociais, de comum acordo entre a maioria das pessoas, e a exigência de cumprimento é lida como **invasão do outro que me impõe algo**. Dentre estes códigos podemos elencar protocolos, legislações, numerações. **Por não compreender a codificação, o mecanismo**, o paciente queria partir ao ato com propostas violentas, contornadas pelo analista.

É importante destacar que a não-compreensão do código do Outro não se trata de uma redução, limitação ou déficit cognitivo, mas uma não-adequação a isto que se apresenta como **regra, acordo, convenção social e não faz sentido**. A exigência para que este sujeito a cumpra também **se apresenta como um ataque**, acompanhado pela sentença da linguagem (**injustiça**) que tenta dar sentido ao real e que retorna, tal como o **ritornelo**, na tentativa de amarração simbólica.

Que o significante do Nome-do-pai não opere em algum ponto de A (ordem simbólica); que a lógica fálica, em alguma medida, não opere, daí resulta uma falha na significação – falha na legalidade da cadeia significante – e tal efeito não incide sobre toda a cadeia significante. Isto não quer dizer que não haja produção de significação nas psicoses – num discurso holofraseado. O que acontece é que a significação, dentre outras particularidades, pode não fazer laço social. Ou seja, pode não participar do sentido comum. (DUTRA, 2025, p. 12-13).

Percebe-se que há compreensão intelectual do acordo, o que difere é a posição subjetiva com elas, como de repente seria numa neurose. O trecho de Dutra nos remete à crítica lacaniana de que a operação analítica se concentre apenas na função de secretariar o alienado; para tal, é recomendável que não se confronte a articulação do que insiste em apresentar-se, e uma opção interessante seria, por exemplo, oferecer recursos imaginários para a nomeação da angústia. A significação construída pela psicose não leva em conta o eterno **Che Voi?** e não está atravessada na exigência do deciframento do desejo do Outro. **O que faz sentido para ele, não faz para mim, que pare de me atacar e me demandar o que não posso dar.**

Embora o discurso seja entendido como o laço social, o que está fora do discurso, como mencionado acima, não implica pura desordem, visto que permanece pelo menos uma relação possível com os semelhante e os outros simbólicos, mas sim a impossibilidade, em certas circunstâncias, de se situar dentro do discurso, do vínculo social das palavras (EIDELZSTEIN, 2019, p. 119, tradução nossa).

O trecho que Alfredo constrói nos leva a pensar que há possibilidades de organização numa estrutura psicótica, ainda que se apresente a restrição interpretativa do costume social. A não-dialetização das regras e código do Outro evidencia a falha estrutural e simbólica na inscrição da metáfora que organiza o laço, e implica diretamente na forma como o sujeito lê, interpreta e responde à sociedade. Há possibilidades, no entanto, através de uma análise, de dar borda à sensação de invasão e de se promover uma articulação com os códigos externos.

Referências Bibliográficas

DUTRA, Flávia. A Clínica Interrogada: O paradigma evolucionista e a diagnose. *O Rei está Nu*. 2025. Disponível em: www.oreiestanu.com

EIDELZSTEIN, Alfredo. *Las estructuras clínicas a partir de Lacan. Vol I: Intervalo y holofrase, locura, psicosis, psicossomática y debilidad mental*. 2012. Buenos Aires: Letra Viva.

FARIA, Michele Roman. *Neurose, Psicose e Perversão: Lacan e as estruturas clínicas*. 2025. São Paulo: Editora Toro.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 3*. 1981. Rio de Janeiro: Zahar.

SOUZA, Neusa Santos. *A Psicose: Um estudo lacaniano*. 2023. Rio de Janeiro: Zahar.